

AFRICANISMOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Maria do Socorro Silva de Aragão*

Da mesma forma que o homem português amou e procriou, fazendo surgir, por onde passou, sociedades mestiças, miscigenadas, o léxico português absorveu palavras de línguas de povos que viveram na Península durante a fase embrionária do idioma, assim como deu guarida a um vocabulário novo designativo de coisas e costumes que espargiam de cada cidade, de cada vila, e, também, das mais distantes aldeias, seja na África, no Brasil ou na Ásia.
(Vargens, 2006: 238)

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo a influência da cultura negra, trazida ao Brasil pelos africanos que para aqui vieram como escravos, não foi estudada e devidamente valorizada quanto à sua importância para a formação cultural do povo brasileiro e da língua portuguesa do Brasil.

Se levarmos em conta que ainda hoje há dúvidas sobre o número de africanos que aportaram no Brasil, sua origem étnica e geográfica, muito desse descuido, para não dizer descaso, pode ser justificado.

O fato de os negros terem vindo como escravo logicamente pesou, e ainda essa, para esta omissão, como bem frisou Manuel Diegues Júnior:

Essa situação de escravo, portanto, marca como traço fundamental e indispensável de ser assinalado a presença do negro africano no Brasil; a influência não foi do negro em si, mas do escravo e da escravidão, já observou Gilberto Freyre.¹

Convém ressaltar a afirmação de Gilberto Freyre quando diz:

A formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra da África, absorvendo elementos por assim dizer de elite.²

afirmando com isto que, apesar de sua condição de escravos, foi todo um grupo de pessoas de classe sociocultural elevada que veio para o Brasil.

Este fato sociocultural pode ter sido um dos motivos da não importância dada à influência africana na língua portuguesa do Brasil, pois como diz Martinet (s/d.:100,) a questão não está em procurar saber como língua e cultura se influenciam, mas em tentar estabelecer uma “identidade de relações entre factos lingüísticos e factos culturais, sendo ambos condicionados pela necessidade da vida em sociedade”.

Complementando, ao afirmar que:

[...] enquanto facto cultural, a língua não deixa por isso de ser um facto cultural particular: parte integrante de uma cultura, é simultaneamente um produto seu e a condição de sua transmissão”.
Martinet (s/d.: 95)

Os trabalhos sobre a influência dos falares africanos na língua portuguesa tiveram início no século XIX. Porém, poucos são os estudos e análises sobre a influência africana na cultura brasileira, a não ser em áreas específicas como a antropologia, a etnologia e, mais especificamente, o folclore, sobretudo em certas regiões do país, como a Bahia, por exemplo.

Para Alkimin e Petter (2008:150):

O marco fundamental para os estudos da presença de línguas africanas no português do Brasil é a publicação, em 1933, de duas obras que instituem, de forma mais organizada, o debate sobre a presença africana na língua portuguesa falada no Brasil. São os trabalhos “A influência africana na

* Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal da Paraíba.

¹ DIEGUES JR. Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976, p. 99.

² FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. apud. DIEGUES JR. M. op. cit. p.99-100.

língua portuguesa do Brasil”, de Renato Mendonça e o “Elemento afro-negro na língua portuguesa”, de Jacques Raimundo.

No tocante ao estudo dessa influência na Língua Portuguesa do Brasil, na maior parte das vezes, durante muito tempo, a análise restringiu-se a rápidos tópicos na parte introdutória da história da língua. A obra de Renato Mendonça, dos anos trinta, apesar das polêmicas em torno de algumas de suas afirmações, foi e ainda é, um dos trabalhos mais consultados e citados sobre o assunto.

Apenas no século XX as pesquisas sobre a importância dos africanismos para a língua portuguesa passaram a ter um caráter mais científico, com estudos desenvolvidos como teses de doutorado e dissertações de mestrado.

Ao analisar o número de registros de africanismos na língua portuguesa dizem Alkimin e Petter (2008):

[...] Por um lado, aumenta o número de termos de origem africana registrados; por outro, os estudos passam a focalizar a diversidade do uso regional desses vocábulos. De pouco mais de uma centena de itens lexicais, registrados no século XIX, passa-se a mais de 300 na primeira metade do século XX, ultrapassando 2000 itens nos dicionários especializados, publicados no final do século XX.

Trabalhos marcantes nesse aspecto são a tese de doutorado de Yeda Pessoa de Castro, dos anos setenta, defendida na Universidade Nacional do Zaire e em 2001 seu livro *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*.

Nos últimos anos novos trabalhos com abordagens diferentes surgiram em publicações como os de Baxter (1992), Bonvini (1998, 2002, 2008), Cunha-Henckel (2001) e Petter (2002), para citar alguns.

Muitos dos fatos fonético-fonológicos determinantes das variantes regionais e/ou sociais do Português do Brasil são atribuídos à influência do africano, embora alguns estudiosos coloquem dúvidas quanto a essa origem, preferindo creditá-los à evolução ou ao conservadorismo da própria língua portuguesa.

Neste trabalho analisamos casos de Iotização do lh / l /; Semivocalização do / l /; Abertura das vogais pretônicas; Nasalização das vogais orais que antecedem consoantes nasais; Assimilação; Monotongação; Apócope do / l /, / r /, e / s / finais; Aférese; Síncope do *d* no grupo *nd*; Suarabácti; Dissimilação; Perda da Nasalização Final; Metátese do *r* pós-vocálico; Lambdacismo; Rotacismo, entre outros.

No aspecto léxico, o vocabulário do Português do Brasil foi bastante enriquecido com termos e expressões das línguas africanas. Segundo alguns estudiosos, esses novos signos acrescidos ao léxico do português estão, em sua grande maioria, relacionados aos cultos afro-brasileiros.

Temos, então, diferentes tipos de adaptações, transposições e empréstimos léxicos, semânticos e compostos, em que um termo é africano e o outro, português.

Ao tratar dos empréstimos e inovações semânticas das palavras africanas no português do Brasil, Bonvini (2008:122) diz que há três situações distintas:

- a) Palavras de origem africana chegaram ao Brasil e mantiveram, integral ou parcialmente, seu som e seu sentido inicial de partida.
- b) Palavras de origem africana chegaram ao Brasil, mas desprovidas de seu sentido “africano” inicial, tendo adquirido, desde sua chegada, um sentido diferente e novo. Por isso seu sentido de origem, não tendo chegado ao Brasil, teria ficado do outro lado do Atlântico.
- c) O sentido inicial de partida, isto é, aquele atestado no continente africano, teria chegado ao Brasil, mas sem o vocábulo africano que lhe servia de suporte. Seria este último, desta vez como suporte, que teria ficado na África.

Nosso trabalho é uma tentativa de mostrar até onde permanecem na linguagem regional/popular do Nordeste brasileiro as influências do africano, especialmente nos aspectos Fonético, Fonológico e Lexical.

1 LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA

Para o conhecimento das relações língua, sociedade e cultura envolvidas nos aportes lingüísticos das línguas africanas no português do Brasil, estudar os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas lingüisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de ser determinados, pois, no dizer de BARBOSA (1981:158): “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo [...]”

No caso específico do léxico esta afirmação é ainda mais verdadeira, pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Ainda segundo BARBOSA (1993:1): “[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.”

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-lingüístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Todo ato ou todo objeto ideológico é sempre acompanhado, comentado, analisado, glosado por discurso, na medida em

que a ligação que une linguagem e pensamento é uma ligação de unicidade.

O discurso é determinado pelas condições sócio-históricas de sua produção, do mesmo modo que os objetos ou as formações ideológicas são condicionados por pertencerem a um corpo social no momento de sua história.

O léxico, enquanto descrição de uma cultura está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Assim, como vimos, não se pode estudar a língua sem relacioná-la com a sociedade e a cultura nas quais o falante está inserido. No caso dos africanismos incorporados à língua portuguesa do Brasil, os costumes, as tradições, as comidas, as músicas trazidas pelos negros escravos foram determinantes não apenas no aspecto léxico, mas também no aspecto fonético-fonológico.

2 A CULTURA NEGRA E A CULTURA BRASILEIRA

Apesar da situação de escravidão, de submissão e mesmo de degradação a que foram submetidos os africanos no Brasil, as marcas de sua cultura estão bem visíveis e mesmo bastante fortalecidas na cultura brasileira de nossos dias.

A identidade cultural dos africanos que vieram para o Brasil era bastante diversificada, já que para aqui vieram de diferentes áreas lingüístico-culturais da África.

Os escravos não puderam manter essa identidade, porém conseguiram preservar e até mesmo sobrepor à cultura local alguns traços importantes de sua cultura.

No dizer de Diegues Júnior:

*“Não puderam os escravos negros manter íntegra sua cultura, nem utilizar preferentemente suas técnicas em relação ao novo meio. Não foi possível aos negros revelarem todo o seu conjunto cultural ou porque, ao contacto com outros grupos, ou porque, como escravos, tiveram sua cultura deturpada. Dai os sincretismos e os processos transculturativos.”*³

Ponto importante a lembrar, neste contexto, é que a influência africana se faz notar mais fortemente na cultura popular, talvez pela situação semelhante de “povo excluído”, vivida pelos negros da época e pela população pobre e inculca de hoje.

Contudo e apesar de tudo, a herança africana em nossa cultura permanece até hoje bastante forte em certas áreas, como na religião, na música, na culinária, nos folguedos populares, costumes e tradições recebidas dos africanos e marcantes na sociedade brasileira atual.

Apenas para ilustrar, podemos lembrar alguns dos traços da cultura africana que permanecem na cultura brasileira:

2.1 Religião

Ao chegarem ao Brasil, as religiões africanas, quase que totalmente totêmicas, receberam influências do catolicismo, do espiritismo e de crenças indígenas, além de serem designadas de formas diversas, ou seja: candomblé, macumba, umbanda, jurema, tambor de mina, tambor crioulo, tambor de nagô, xangô e babaculê, entre outras denominações. Porém o nome genérico mais utilizado é o de Candomblé.

O Candomblé divide-se em “nações” tais como Angola, Moçambique, Nagô, Keto, Jeje, Ijexá, entre outras, que, aparentemente, têm relação com os países africanos de origem dos negros. Essas “nações” religiosas diferenciam-se quanto à forma de cultuar suas divindades.

O chamado sincretismo religioso surgiu devido à necessidade de o negro praticar sua religião sem ser perseguido pelo branco, misturando ou substituindo seus deuses por santos da religião Católica.

Relacionadas à religião, temos influências em danças, músicas, instrumentos musicais e comidas que fazem parte do dia a dia do povo brasileiro, como é o caso do samba, do ijexá, do atabaque, do triângulo, do agogô, da cuica, do berimbau, do acarajé, do abará e de muitos outros.

Há autores que afirmam que algumas das tradições religiosas, além do candomblé, também foram produzidas ou criadas pelos negros, como a devoção do Rosário, chamada Rosário dos Pretos, já que Nossa Senhora do Rosário é considerada a padroeira dos pretos e que se mantém até hoje em muitas partes do país, sendo uma das mais tradicionais a Festa do Rosário de Pombal, Paraíba. Esta festa mistura o religioso com o profano, incluindo vários folguedos, como os Congos, os Negros dos Pontões e o Reisado.

2.2 Folguedos Populares

Na cultura popular tivemos uma gama enorme de influências africanas, uma vez que os escravos, para se distraírem e amenizarem as agruras da vida, usavam o canto, a dança e as representações artístico-culturais de seus países que se incorporaram e, ainda hoje, permanecem em nossa cultura. Entre elas, podemos frisar:

a) Bumba-meu-Boi

O Bumba-meu-boi, também chamado Boi-bumbá, Boi-de-pano, Boi-de-mamão ou Boi-de-reis, dependendo da região onde é apresentado, é um folguedo do período natalino indo até o período do carnaval. O Bumba-meu-boi do Maranhão é um dos mais famosos do Brasil.

b) Congos

³ DIEGUES JR., M. op. cit. P. 100.

Os Congos, também chamados de Pretinhos do Congo, Congada ou Congado, são formados por grupos de homens, geralmente onze, em que se destacam três personagens: o rei, o secretário e o embaixador.

Há um cortejo, um texto dramático, música, dança, trajes e adereços especiais.

c) Maracatu

Atualmente, são grupos carnavalescos pernambucanos, originados nos desfiles processionais africanos. Compreende o séquito real, acompanhado de um conjunto de percussão, com tambores, chocalhos e agogôs.

Muitos outros dos chamados folguedos populares de origem africana poderiam aqui ser citados, como o Reisado, os Negros dos Pontões, o Coco de Roda e as Cambindas.

2.3 Culinária

Pratos da cozinha africana fazem parte hoje da culinária brasileira, especialmente na região nordestina e nesta, a baiana é hoje famosa, com pratos típicos da “comida de santo”, como o caruru, abará, vatapá, acassá, muqueca e xinxim, entre outros.

3 INFLUÊNCIAS DO AFRICANO NOS FALARES NORDESTINOS

Os estudos sobre a importância do africano na formação da cultura brasileira tiveram início no período imediatamente posterior à Abolição. Contudo, o estudo da influência das línguas africanas no Português tem sido insignificante face à sua importância.

Muitas são as causas dessa deficiência, mas, segundo Yêda Castro, isto se deve “[...] primordialmente, por uma falta de conhecimento daqueles povos africanos que foram introduzidos no Brasil para o trabalho escravo.”⁴

Essa falta de conhecimento por sua vez teria como causa:

*[...] a insuficiência de documentação histórica, de bibliotecas especializadas, de documentos lingüísticos da época da escravidão [...]*⁵

Na formação da Língua Portuguesa do Brasil, o elemento africano aparece em terceiro lugar, depois do índio e do português, isto porque, segundo Antônio Houaiss:

*A política sistemática seguida pelo Brasil para com os negros foi, desde o século XVI, glotocida - isto é, matadora de suas línguas.*⁶

Os escravos negros tiveram, assim, que se adaptar à Língua Portuguesa por necessidade de comunicação e sobrevivência, porém essa adaptação e integração não marcaram a estrutura da Língua Portuguesa como era de se esperar, mas, como diz Houaiss:

*[...] as influências se confinaram à parte ‘aberta’ do português, quer dizer ao léxico e - acaso - a certos elementos supra-segmentais [...]*⁷

Tratando dos fatores socioculturais, extralingüísticos, que influíram na formação da Língua Portuguesa do Brasil, Yeda Castro⁸ diz que, de acordo com esse contexto, tivemos vários tipos de dialetos a que ela dá o nome de dialetos das senzalas, dialeto rural, dialeto das minas e dialetos urbanos, de acordo com o local e tipo de interação que os africanos tiveram com africanos lingüisticamente diferentes, com colonos portugueses e outros escravos, nas plantações e engenhos, nos contatos com os escravos vindos da Costa da Mina para a mineração e quando esses mesmos escravos ascendiam socialmente iam para as cidades, respectivamente.

Apesar das dificuldades causadas, basicamente, por falta de documentação, da política “glotocida” e das influências apenas fonético-lexicais, acima referidas, vale ressaltar o destaque que Yeda Castro faz ao dizer:

*[...] pesquisa etnolingüística na ‘língua de santo’, no falar cotidiano do ‘povo de santo’, na linguagem popular da Bahia [...] aqueles africanismos léxicos e semânticos ultrapassam a casa dos cinco mil [...]*⁹

No que se refere à influência do africano nos falares regionais nordestinos, baseada em pesquisas próprias e comparando essas pesquisas com trabalhos de falares de outras regiões do país, concordamos com Houaiss quando afirma que as palavras não são regionais, mas incorporadas à Língua Portuguesa do Brasil como um todo.

Diz Houaiss que “[...] é pouco verossímil que tenhamos palavras africanas regionais no Brasil.”¹⁰

A nosso ver, as influências fonético-fonológicas e lexicais das línguas africanas no Português do Brasil le-

⁴ CASTRO, Yeda Pessoa de. Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In: MELLO, Linalda de A. (org.) *Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: SHORIN, 1990, p. 91.

⁵ CASTRO, Yeda Pessoa de. op. cit. p. 91.

⁶ HOUAISS, Antônio. *O português do Brasil*: pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985, p. 71.

⁷ HOUAISS, Antônio. op. cit. p. 71.

⁸ CASTRO, Yeda Pessoa de. op. cit. p. 91.

⁹ CASTRO, Yeda Pessoa de. *Antropologia e lingüística nos estudos afro-brasileiros*. In: *Afro-Ásia*, 12. Salvador: UFBA, 1976, p. 214.

¹⁰ HOUAISS, Antônio. Op. cit. p. 82-83.

vam-nos a falar não em influências diatópicas ou regionais, mas em influências diastráticas ou sociais. Ou seja, são falares das classes não alfabetizadas ou semi-alfabetizadas que sofreram maior influência fonético-fonológica e léxica das línguas africanas, fato também indicado por Renato Mendonça, quando afirma que “O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular”¹¹

Castro (2001: 120) mostra que a maior influência africana no português do Brasil veio no negro banto, devido à quantidade de sua população. Diz ela:

[...] por parte do africano, o negro banto, mais do que outros, foi o mais importante agente transformador e transmissor da língua portuguesa em sua modalidade brasileira, em consequência da densidade demográfica e amplitude da sua presença em território do Brasil colônia.

Vejamos alguns desses aspectos:

3.1 Aspectos Fonético-Fonológicos

Muitos dos fatos fonético-fonológicos determinantes das variantes regionais e/ou sociais do Português do Brasil são atribuídos à influência do africano, embora alguns estudiosos coloquem dúvidas a essa origem, preferindo atribuí-las à evolução ou ao conservadorismo da própria língua portuguesa.

Seguindo os estudos desenvolvidos desde o trabalho de Renato Mendonça e de seus seguidores e baseada no material do *Atlas Lingüístico da Paraíba*, do *Conto Popular na Paraíba*, de *A Linguagem Regional/Popular na Obra de José Lins do Rego*, de *Aspectos Sócio-Lingüístico-Culturais na Obra de José Américo de Almeida*, além de outras pesquisas sobre os falares regionais/ populares da Paraíba e do Ceará, que levamos a efeito, consideramos como influências do africano, os seguintes aspectos fonético-fonológicos do Português do Brasil:

3.1.1 Iotização do “lh” / λ /

“colher” [kuj ‘ε] “malha” [‘maja]

“O rapaz foi *agazaiá* os animais” (RBM) “Tudo há de *espaia-se..*” (DCP)

3.1.2 Semivocalização do /l /

“alta” [‘awta]; “maldade” [maw’dadi]

3.1.3 Abertura das vogais pretônicas

“melodia” [mɛl †‘dia]; “remelada” [hɛm‘lada]

3.1.4 Nasalização das vogais orais que antecedem consoantes nasais

“canal” [kâ’naw] ; “gamela” [gâ’mɛla]

3.1.5 Assimilação

“registro” [hɛ ‘ziS tu]
“fui *arezistá* meu fij” (ALPB)

3.1.6 Monotongação

“caixa” [‘kaSa]; “deixar” [‘deSaH]
“[...] ói desocupe o *palaço.*” (UNC)

3.1.7 Ditongação

“três” [‘trejs] ; “mês” [‘mejs]

3.1.8 Palatalização do t e d, antes de / i, u /

“dia” [‘dʒia] ; “teatro” [tʃi’atru]

3.1.9 Vocalização do /l / final em / w /

“Brasil” [bra’ziu] ; “malvada” [maw’vada]

3.1.10 Abertura das vogais pretônicas

3.1.11 Apócope do l, r, e s finais

“sal” [‘sa]; “casar” [ka‘za]; “costas” [‘k+Sta]

“Bom dia, pedra, aqui já será faci d’eu encontrar uma moça pá casá? (UNC)

“Vai *dá* certo, se Deus *quizé*” (ALPB)

“Que dia mais ou *meno* nós vamo...” (DCP)

3.1.12 Aférese

“está” [‘ta]; “estão” [‘tãw]; “estava” [‘tava]

“[...] que *tão* ali no acero da estrada” (UNG)

“O homem andou, andou, andou, *maginando* [...]” (HMC)

3.1.13 Sincope do d no grupo nd

“passando” [pa’sãnu]; “comendo” [ku’mênu];

“*Quereno* me dá a pataca [...]” (GV)

“*Quano* chegou adiante [...]” (UNC)

3.1.14 Suarabácti

¹¹ MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, p. 61.

“claro” [ki’laru]; “flor” [fu’lo]
“A noite tava *quilara* [...]” (ALPB)
“A *fulô* qu’eu mais gosto é o cravo” (ALPB)

3.1.15 Dissimilação

“O *nego* tava danado de raiva” (ALPB)

3.1.16 Perda da Nasalização Final

“comeram” [ku’meru]; “estavam” [iS ‘tava]
“[...] saiu numa *carruage* [...]” (UNC)
“Um casá eram jove, se *casaro* [...]” (BBP)

3.1.17 Metátese do r pós-vocálico

“*Pruquê* você num vai armoçar?” (UNC); “O *vrido* da janela se quebrou.” (ALPB)

3.1.18 Lambdacismo

“[...] sou um veio que anda *pilgrinano*” (BBP)

3.1.19 Rotacismo

“[...] e num gosto de *farsidade*.” (ALPB)

Falando sobre a influência africana nos aspectos fonético-fonológicos da língua portuguesa, diz Castro (2001:77):

[...] chegamos necessariamente à um hipótese compatível com as circunstâncias extra-lingüísticas que foram favoráveis a este processo: o português do Brasil, naquilo em que se afastou, na fonologia, do português de Portugal é, a priori, o resultado de um compromisso entre duas forças dinamicamente opostas e complementares, ou seja, por um lado, uma imantação dos sistemas fônicos africanos em direção ao sistema do português e, em sentido inverso, um movimento do português em direção aos sistemas fônicos africanos, sobre uma matriz indígena preexistente e mais localizada no Brasil.

3.2 Aspectos Morfossintáticos

3.2.1 Supressão da marca redundante de plural

“[...] *as fia ia* pra lá morar [...]” (UNC)
“*Ai os velho* disse [...]” (UNC)

3.2.2 Prótese do s e m na junção de palavras na frase, agregando- se à palavra seguinte

“[...] em cima da besta e foi *simbora*.” (GV)
“Vou *mimbora* [...]” (UNC), com a variante *umbora*. “*Umbora* armoçar” (UNC)

3.2.3 Repetição enfática da negativa

“*Não* sou camarada raposa *não*” (OR)
“ – Isso *não* vale de *nada não*, mas eu vou ver.” (MAF)

3.2.4 Uso do ele acusativo

“Vi ele”; “Deixei ele”

3.3 Aspectos Léxicos

Ao estudar a influência do africano no léxico do português do Brasil, Alkimim e Petter (2008: 151) dizem:

O léxico de origem africana, nos trabalhos de cunho regionalista produzidos na primeira metade do século, aparece como objeto central de investigação nos estudos de Rodolfo Garcia (1934): Vocabulário Nagô; Dante Laytano (1936), Os africanismos do dialeto gaúcho; João Dornas Filho (1942) A influência social do negro brasileiro e Aires da Mata Machado Filho (1943), O negro e o garimpo em Minas Gerais.

Complementando:

Outros trabalhos que se referem a africanismos, sem dar a etimologia dos mesmos são os de Vicente Chermont de Miranda (1905-19680, Glossário paraense: coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó; Amadeu Amaral (1920), O Dialeto caiçara; Antenor Nascentes (1922), O linguajar carioca; Mário Marroquim (1934), A língua do nordeste; F. A. Pereira da Costa (1936), Vocabulário pernambucano. [...] Dois trabalhos do final do século XX abordam o tema da linguagem de comunidades específicas: Vogt & Fry (1996) sobre o Cafundó, em São Paulo e Sônia Queiroz (1998) sobre a Tabatinga, em Minas Gerais. p. 154.

O vocabulário do Português do Brasil foi bastante enriquecido com termos e expressões das línguas africanas. Esses novos signos acrescidos ao léxico do português estão, em sua grande maioria, relacionados aos cultos afro-brasileiros, como bem diz Yeda Castro:

Podemos então presumir que adeptos e membros dos cultos afro-brasileiros são os responsáveis não só pela preservação das palavras e expressões de origem africana no corpus lingüístico dos candomblés, como também pela eventual ocorrência delas nos hábitos lingüísticos da comunidade mais ampla de que eles fazem parte.¹²

¹² CASTRO, Yeda Pessoa de. op. cit. p. 17.

Muitas são as formas de constituição do léxico do português quanto à adaptação dos estrangeirismos e empréstimos de origem africana.

Ao tratar dos empréstimos das línguas africanas ao português diz Bonvini (2008:142):

Dessa visão de conjunto, destaca-se claramente que, no português falado hoje no Brasil, os vocábulos emprestados das línguas africanas, pelo menos aqueles cujo empréstimo é mais antigo, foram submetidos a um profundo remanejamento tanto no plano formal quanto no plano semântico. Por isso eles se integram totalmente ao português.

Vale ressaltar que autores regionalistas como José Américo de Almeida e José Lins do Rego, por exemplo, ao usarem a linguagem regional / popular em suas obras eruditas, empregaram termos e expressões de origem africana, como nos mostram os exemplos a seguir:

a) José Américo de Almeida:

“É hora *cambada!*” - corja, súcia, canalha - (AB p. 16)

“Não dê cabimento a *camumbembe*” - homem de ínfima condição - (AB P. 16)

“Esse menino, você é tão *capiongo*: nem abre o bico” - triste, macambúzio - (AB p. 69)

“[...] passou-lhe a quenga de *caxixi*” - aguardente fraca, a última que corre do alambique - (AB p. 54)

“Mas, muita vez, a gente se *engabela* com a felpa” - enganar, iludir - (AB p.34)

“[...] todo o *bangüê* rangia” - engenho de açúcar movido a força animal - (AB p. 52)

“Manejavam com essa única esperança: o toque do *búzio*: tum, tum” - espécie de corneta de concha retorcida (AB p. 19).

b) José Lins do Rego:

“E com um feitor como Nicolau, *banzeiro*, de iniciativa quase da mesma espécie da minha” - macambúzio, triste, adoentado - (BAN p. 209)

“As brancas deitadas, dando as cabeças para os *cafunés* e a cata dos piolhos” - ato de coçar levemente a cabeça de alguém, para fazê-lo adormecer -(MEN p. 159)

“O Paz e Amor esquecia os urubus, a *catanga* do curtume, os filhos magros, para cair no passo” - cheiro forte e desagradável - (MOL p. 153)

“Se D. Eufrásia estivesse em casa, teria havido *banzé*” - briga, rixa, barulho, tumulto (PED p. 88)

“[...] tu está dizendo que esta véia mãe de Aparício

é como *catimbozeira?*” - pessoa que pratica o catimbó - (CAN p.42)

“Ninguém dormiu no engenho, com o *zabumba* batendo.” - bombo, tambor grande, rústico, usado na música de couro ou cabaçal - (MEN p 136)

“Ela mesma ajudava a minha franqueza com os seus *dengues*, com as suas cavilações.” - manha, cuidados exagerados - (PUR p. 119)

Manuel Bandeira, ao fazer dedicatória de um livro para José Lins do Rego colocou: “Ao querido *malungo* [...]”, termo de origem africana que significa camarada, companheiro.

Quanto a Jorge Amado, não é necessário ressaltar a valorização dos termos africanos em suas obras, por serem, em sua maioria esmagadora, temas desenvolvidos na Bahia e ligados à cultura africana.

3.4. Outros Tipos de Influências

3.4.1 *Formas de tratamento carinhosas: iôio, iaiá, sinhá, sinhô*

“*Sinhá* Maria chegou e falou [...]” (ALPB)

3.4.2 *Uso dos diminutivos, indicando afetividade ou intensidade*

“[...] não quer comprar um *taquinho* de carne...”(ON)
“Quando foi de *tardezinha* [...]”(RM)

3.4.3 *Repetição enfática de fonemas ou sílabas: ne-ném, babá, bumbum*

Segundo Diegues Júnior:

[...] o valor cultural mais forte da influência do africano no Português do Brasil foi o amolecimento da linguagem, o adoçamento na maneira de tratar.¹³

Já para Yeda Castro

[...] os empréstimos africanos estão mais ou menos completamente integrados ao sistema do português segundo os níveis de linguagem sociocultural. Enquanto o português do Portugal (arcaico e regional) foi ele próprio africanizado de certa maneira, pelo fato de uma longa convivência.¹⁴

¹³ DIEGUES JR., Manuel. op. cit. p. 17

¹⁴ CASTRO, Yeda Pessoa de. op. cit. p. 109-110.

Ao estudar a configuração semântica dos empréstimos africanos no português, diz Bonvini (2008: 142,143)

No plano semântico, a configuração semântica (semema) do empréstimo foi submetida conjuntamente a dois fenômenos somente na aparência contraditórios, pois na realidade são complementares: de um lado, certa perda em relação à semântica de partida, de outro, uma reestruturação em profundidade, que geralmente chegou a um enriquecimento real, tanto no nível do próprio semema quanto no das formas derivadas. O que é atestado hoje no Brasil não é mais a realidade semântica africana de partida, mas uma semântica nova, específica ao Brasil, e por isso "brasileira". Trata-se, além de tudo, de uma semântica evolutiva e inovadora ao mesmo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da formação sócio e etnolinguística do Português do Brasil tem sido feito especialmente por autores que se dedicam ao Português Histórico ou à Filologia, sendo poucos os lingüistas, fora dessa área, que se preocupam com o assunto. Geralmente, esses estudiosos dão maior peso à influência das línguas indígenas, deixando sempre em segundo plano a influência africana no Português do Brasil.

As causas desses poucos estudos são as mais diversas possíveis e, infelizmente, algumas delas estão intimamente ligadas ao preconceito racial, ainda bastante forte em nosso país, aliando-se a isto a relativamente pouca bibliografia e documentação que registre, com precisão, o real papel da cultura africana na formação da cultura nacional brasileira, aí incluídos os aspectos lingüísticos.

No seu último trabalho sobre os falares africanos e a língua portuguesa, Yeda Castro, entre outras conclusões diz que:

O influxo de línguas negro-africanas no português do Brasil não se limitou aos aportes de vocabulário, porque foi mais profundo do que se admite como parte do processo de configuração do perfil da língua falada no Brasil e das diferenças que a afastaram do português falado em Portugal. [...] O grau de resistência oferecido à mudança e à integração pelos diferentes povos africanos que foram transplantados para o Brasil durante a escravidão é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos que lhes foram mais ou menos favoráveis e não devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outras, como se tem pretendido. [...] ¹⁵

Outro estudioso que também trata do problema das influências indígenas e africanas no português do Brasil é Volker Noll (2008:218) que contesta a veracidade dessas

influências concluindo ao dizer que “[...] na medida que nenhum desenvolvimento do português brasileiro (afora o léxico e as expressões idiomáticas) pode ser claramente classificado, segundo o atual conhecimento dos fatos, como sendo de origem africana ou indígena”

Nos últimos anos, esta situação está se revertendo e trabalhos da maior significação estão surgindo, estudando aspectos sócio-linguístico-culturais das influências dos africanismos no português do Brasil. Com as dúvidas ainda existentes, com as análises muitas vezes discordantes, é importante, portanto, que novos estudos sejam apresentados, novas idéias discutidas e novos trabalhos publicados, para um melhor conhecimento e conseqüente valorização da influência do africano na Língua Portuguesa do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Tânia; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 145-178.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. *A linguagem regional / popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

_____. A presença africana nos falares nordestinos. *Confluência*, n. 12. Rio de Janeiro: Instituto de Língua Portuguesa, 2º semestre de 1996, p. 87-100.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de.; MENEZES, Cleusa P. B. de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB / CNPq, 1984, v. 1 e 2.

ARAGÃO, M do Socorro Silva de. et al. *Glossário aumentado e comentado de A Bagaceira*. João Pessoa: A União, 1984.

_____. *Linguagem religiosa dos cultos afro-indígenas na grande João Pessoa*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1987.

_____. *O conto popular na Paraíba: um estudo lingüístico-gramatical*. João Pessoa: UFPB, 1992.

BONVINI, Emílio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 15-62.

_____. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-144.

¹⁵ CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: ABL/TOPBOOKS, 2001. p. 129.

- CACCIATORE, Olga G. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. In: *Afro-Ásia* 4 -5: 23-33. Salvador. 1967.
- _____. Influências das línguas africanas no português do Brasil e níveis sócio-culturais da linguagem. In: *Educação* 25 Brasília: 1977. p 49-64.
- _____. Das línguas africanas ao português brasileiro. In: *Afro-Ásia* 14: 81-101. Salvador: UFBA, 1983.
- _____. Antropologia e lingüística nos estudos afro-brasileiros. In: *Afro-Ásia* 12: 211-227.
- _____. Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos. In MELLO, Linalda de A. (Org.). *Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: Shorin, 1990, p 91-113.
- _____. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / TOPBOOKS, 2001.
- CUNHA, A. Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso F. da. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- _____. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CUNHA-HENCKEL, Rosa. *Bantuísmos lexicais no português do Brasil com base no estudo da obra de José Lins do Rego*. Brema, 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de Brema.
- _____. Brasileirismos de origem africana. In: GROBE, S.; SCHÖNBERGER, A. (Orgs.). *Ex oriente lux*. Festschrift Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag. Frankfurt am Main: Valentia, 2002, p. 89-102.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1976.
- _____. Cultura e língua na formação brasileira. In MELLO, Linalda de A. (Org.). *Sociedade, cultura e língua*. Ensaios de sócio e etnolingüística. João Pessoa: Shorin, 1990, p. 15-27,
- ELIA, Silvio. *A unidade lingüística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. Portugiesisch: Brasilianisch (O português do Brasil). In: *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994. V.VL 2, p, 565.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querebentan de Zomodonu: etnografia da Casa das Minas*. São Luís: EDUFMA, 1985.
- FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GALVES, C.; GARMES, H.; RIBEIRO, F.R. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da UNICSMP, 2009.
- HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.
- LOUCEIRO, C.; FERREIRA, E.; CRUZ, E. C. V. (Orgs.). *7 vozes: léxico coloquial do português luso-afro-brasileiro-aproximações*. Lisboa: LIDEL, 1997.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs.) *O português afro-brasileiro*. Salvador: UFBA, 2009, 575 p.
- MARTINET, A. Etnolingüística. In: MARTINET, A. *Conceitos fundamentais da lingüística*. Trad. Wanda Ramos. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Martins Fontes [s.d.].
- MELLO, Linalda de A. (Org.). *Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolingüística*. João Pessoa: Shorin, 1990.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.
- NUNES, J. H.; PETTER, M. T. (Orgs.). *História do saber lexical e contribuição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- ROSSI, Nelson et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- SILVEIRA BUENO, Francisco. *A formação histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.
- VIARO, Mário E. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, Luiz Antônio. (Org.). *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005, p. 211-252.
- TEYSSIER, Paul. *Histoire de la langue portugaise*. Paris: PUF, 1980.

LEGENDAS DOS EXEMPLOS

<i>AB</i>	= A Bagaceira
<i>BAN</i>	= Bangüê
<i>MEN</i>	= Menino de Engenho
<i>MOL</i>	= Moleque Ricardo
<i>ALPB</i>	= Atlas Lingüístico da Paraíba
<i>MAF</i>	= O médico d'água fria
<i>RDM</i>	= O rapaz que buliu com a moça e não pode casar com ela
<i>DCP</i>	= Doutor Chico Preguiça
<i>UNC</i>	= A última novilha de cabra= O rei e a moça